

DENOMINAÇÕES PARA BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS INFANTIS EM ATLAS LINGÜÍSTICOS DO MATO GROSSO DO SUL

*Las denominaciones de juguetes y juegos infantiles en los
atlas lingüísticos del estado de Mato Grosso do Sul*

BEATRIZ APARECIDA ALENCAR

Professora do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS)
E-mail: beatriz.alencar@ifms.edu.br

MARIA CLARA DE FREITAS BARCELOS

Graduanda em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
E-mail: maria.barcelos@estudante.ifms.edu.br

MARIA EDUARDA SODRÉ VILHALBA

Aluna do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS)
E-mail: maria.vilhalba@estudante.ifms.edu.br

Resumo: O estudo é um recorte do projeto “As denominações para brinquedos e brincadeiras infantis nos Atlas Linguísticos produzidos no Centro-Oeste do Brasil”. Este trabalho teve como objetivo principal verificar as denominações registradas nas cartas lexicais e analisar suas origens e possíveis relações com a história-social do MS. Primeiramente foram realizados levantamentos buscando conhecer os atlas produzidos no estado. Após apuração prévia, foram selecionados três trabalhos dialetais: Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã – ALiPP (Reis, 2006); Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul – ALMS (Oliveira, 2007) e o Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário – ALiCoLa (Alencar, 2013). Convém salientar que, ao utilizar a definição de atlas linguístico proposta por Silva Neto (1957), observa-se que analisar a língua falada apoioando-se em registros dialetais é altamente eficaz para conhecer a realidade da língua em determinada época. Além da Geolinguística, que trabalha a feitura dos atlas, este estudo utilizará pressupostos teóricos da Dialetologia como Ferreira e Cardoso (1994), Altenhofen (2004) e Cardoso (2010). Após a definição das cartas coincidentes nos atlas (bolita, estilingue e pipa), foram

catalogadas as denominações, registradas as acepções e origens utilizando para tanto de dicionários gerais em língua portuguesa: Aulete (2006), Houaiss (2002) e em língua espanhola: Rae (2014). A partir dessa análise, os dados foram examinados buscando possíveis relações histórico-sociais entre língua e localidade. Como resultado, notou-se que a maioria das denominações possui base portuguesa ou espanhola, línguas relacionadas com a colonização e a história do estado e originadas da mesma língua mãe, o latim.

Palavras-chave: Brinquedos e brincadeiras; Léxico; Mato Grosso do Sul.

Resumen: Este estudio forma parte del proyecto “Las denominaciones de juguetes y juegos infantiles en los Atlas Lingüísticos producidos en el Centro-Oeste de Brasil”. Este trabajo tuve como objetivo principal verificar las denominaciones registradas en las cartas y analizar sus orígenes y posibles relaciones con la historia sociocultural de Mato Grosso do Sul. Fueron realizadas búsquedas para conocer los atlas producidos en el estado. Después de una investigación preliminar, fueron seleccionadas tres obras dialectales: Atlas Lingüístico del Municipio de Ponta Porã - ALiPP (Reis, 2006); Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul - ALMS (Oliveira, 2007) y Atlas Lingüístico de Corumbá y Ladário - ALiCoLa (Alencar, 2013). Cabe señalar que, utilizando la definición de atlas lingüístico propuesta por Silva Neto (1957), es posible ver que el análisis de la lengua hablada a partir de registros dialectales es altamente eficaz para conocer la realidad de la lengua en un momento determinado. Además de la Geolingüística, que trabaja con la confección de los atlas, este estudio utilizará los fundamentos teóricos de la Dialectología como Ferreira y Cardoso (1994) Altenhofen (2004) y Cardoso (2010). En segundo plano, fueron recolectadas las cartas comunes a los atlas (bolita, honda y cometa), se catalogaron las denominaciones y registraron sus significados y orígenes utilizando diccionarios generales en Lengua Portuguesa: Aulete (2006), Houaiss (2002) y Lengua Española: Rae (2014). A partir de esta catalogación, se analizaron los datos en un intento de examinar las relaciones históricas y sociales entre lengua y espacio, teniendo en cuenta los registros indicados en los mencionados atlas. Como resultado, se observó que muchos nombres tienen base portuguesa o española, lenguas relacionadas con la colonización y la historia del estado y originarias de la misma lengua materna, el latín.

Palabras-clave: Juegos y juguetes; Léxico; Mato Grosso do Sul.

INTRODUÇÃO

A língua é dinâmica e, portanto, pode mudar com o passar do tempo e adaptar-se a diferentes contextos. A afirmação torna-se evidente ao compararmos o português do Brasil com o português de Portugal, por exemplo, já que há diferenças fonéticas, sintáticas e lexicais bastante marcantes nos modos de utilizar a língua portuguesa aqui e além-mar.

Certamente, tais mudanças na língua advêm de manifestações e/ou inquietações culturais, relacionadas ao ambiente, à história ou às questões geográficas. Considerando a última circunstância citada, a perspectiva geográfica faz referência à variedade que a língua assume em diferentes regiões de um território em resposta à diversidade cultural, à natureza, à própria base linguística já existente e à interferência de outras línguas presentes na sociedade (Cardoso, 2010). Fundamentado nesta perspectiva, este estudo traz resultados de um projeto de pesquisa executado no ciclo 2022/2023 e intitulado “As denominações para brinquedos e brincadeiras infantis nos Atlas Linguísticos produzidos na região Centro-Oeste do Brasil”. A investigação integra parte dos resultados desse projeto de pesquisa de iniciação científica desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, *campus* Campo Grande. O estudo teve como finalidade realizar um levantamento sobre os atlas linguísticos produzidos no Centro-Oeste brasileiro, bem como selecionar e analisar as cartas linguísticas que fazem referência ao léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis nesta região. Esses objetivos intentam descrever a realidade da língua portuguesa no Centro-Oeste do Brasil.

Para a análise aqui proposta, foram selecionados os seguintes atlas do Mato Grosso do Sul: ALMS – Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (Oliveira, 2007); ALiPP – Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã (Reis, 2006) e ALiCoLa – Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (Alencar, 2013). Após a definição dos atlas, foram assinaladas em cada um deles, as cartas que tratavam do mesmo referente considerando a subárea semântica dos entretenimentos infantis, conforme Quadro 1:

9

Quadro 1. Cartas sobre brinquedos e brincadeiras infantis coincidentes nos atlas selecionados

Atlas	Nº da carta	Título
AliCoLa (Alencar, 2013)	177, 178	Bolita
	182, 183	Pipa
	184, 185	Funda
AliPP (Reis, 2006)	218	Bolita
	221	Pandorga
	231	Estilingue
ALMS (Oliveira, 2007)	0461.a	Bolita
	0466.a	Pandorga
	0481.a	Estilingue

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir da escolha desses materiais, foi realizada a catalogação das denominações que constavam nas cartas selecionadas. Na sequência, iniciou-se a consulta aos dicionários e foram anotadas as acepções relativas às denominações cartografadas. Nesta etapa, foram utilizadas as seguintes obras lexicográficas: Aulete Digital: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (2006), Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2002) e o Dicionário da Real Academia Espanhola (2014).

Além do objetivo principal já citado neste estudo, procurou-se examinar as origens das denominações e possíveis conexões com a história e a cultura do Mato Grosso do Sul, buscando entender possíveis relações entre o léxico, a cultura, o ambiente e o contexto histórico-social das localidades.

Para tanto, os fundamentos teóricos deste artigo estão amparados na Dialetologia Pluridimensional e na Geolinguística, com base nos estudos de Silva Neto (1957); Sapir (1969); Coseriu (1955 e 1982); Cintra (1983); Brandão (1991); Ferreira e Cardoso (1994); Alvar (1996), Altenhofen (2004) e Cardoso (2010).

Como resultado, esperava-se de que as unidades lexicais examinadas tivessem certa relação e/ou influência advinda da língua espanhola, provavelmente motivada pelo contato entre a situação de fronteira do estado de Mato Grosso do Sul e dos países falantes de espanhol, no caso o Paraguai e a Bolívia.

Para fins de estruturação deste artigo, iniciaremos com um breve histórico do Mato Grosso do Sul, seguido por um tópico sobre o referencial teórico adotado na pesquisa, com a indicação dos principais estudos da área e conceitos que irão amparar este trabalho. Na continuação, explicaremos a metodologia, apresentando os atlas estudados e, posteriormente, o passo a passo da realização dessa pesquisa. Em seguida, apresentamos a discussão dos resultados encontrados, buscando refletir sobre as motivações e/ou hipóteses para as ocorrências documentadas nas cartas selecionadas em determinadas localidades e finalizaremos com as considerações.

10

CONTEXTO HISTÓRICO

Mato Grosso do Sul faz fronteira com dois países hispânicos: Paraguai e Bolívia, o que proporciona certa proximidade para além da dimensão espacial/geográfica. Assim sendo, é importante descrever a perspectiva histórica na qual surgiram tais contextos, para que possamos seguir adiante com este estudo.

Após a “descoberta” da América, o território que pertenceria ao estado de Mato Grosso do Sul era integralmente da coroa espanhola. Porém, a partir de 1750, foi ocu-

pado pelos portugueses após a delimitação do Tratado de Madrid. Este documento foi firmado depois do descumprimento do Tratado de Tordesilhas que também fracionava a América do Sul entre Portugal e Espanha. Os mapas (figuras 1 e 2) ilustram a divisão do país entre as duas nações europeias. Neles, é possível visualizar a localização de Mato Grosso e também do atual Mato Grosso do Sul, que pertenceu primeiramente à coroa espanhola e, logo após, à portuguesa.

Figura 01. Mapa do território da Coroa Portuguesa no Brasil durante e vigência do tratado de Madrid



Fonte: site coladaweb.¹

Figura 02. Mapa do território da Coroa Portuguesa no Brasil durante e vigência do tratado de Madrid



Fonte: site brasilescola.²

¹ Imagem disponível em: <<https://www.coladaweb.com/wp-content/uploads/2019/07/20190715-tratado-madri.jpg>>. Acesso em: 10 set. 2024.

2 Imagem disponível em: <<https://s4.static.brasilescola.uol.com.br/be/2021/10/tratado-de-tordesilhas.jpg>>. Acesso em: 10 set. 2024.

Após a assinatura do tratado, Portugal iniciou uma série de “bandeiradas”³ para a região do estado de Mato Grosso. Essas “bandeiradas” tinham como objetivo a captura de povos indígenas para a escravização e a busca por metais. Segundo Neto e Cavassini (2018, p. 13):

No decorrer do século XVIII, o Mato Grosso passou por muitas modificações, e, de acordo com Carlos Rosa, pode-se identificar três momentos que caracterizaram a formação fronteiriça da região. O primeiro momento seria de 1719 a 1734, período das monções, que deram origem ao processo da colonização lusa na região, o segundo foi de 1735 a 1752, e o terceiro se iniciou em 1752, com a criação da Capitania do Mato Grosso com a fundação da sua capital, Vila Bela da Santíssima Trindade, à beira do Rio Guaporé (Neto; Cavassini, 2018, p. 13).

Notamos, então, que a ocupação do território do Mato Grosso foi intensificada devido ao Tratado de Madrid e pelo movimento das expedições para a captura de indígenas e a exploração de metais.

Considerando o espaço da fronteira Oeste, a configuração mantida por vários anos foi composta: i) do Paraguai que se formou e se tornou independente em 1811; ii) da Bolívia, que teve sua independência em 1825 e; iii) do Brasil, com o estado brasileiro de Mato Grosso criado em 1748 e particionado em 1977, com a criação do atual Mato Grosso do Sul.

12

Posto isto, é pertinente dizer que a Bolívia, desde sua formação, foi fronteira com o Mato Grosso, porém, o Paraguai, na época, tinha em sua extensão parte do território do que ainda viria a ser o novo estado. Isto é, a área delimitada para o sul do Mato Grosso foi um dos resultados da Guerra do Paraguai (1864-1870), também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança. Esse conflito foi fruto da parceria entre Brasil, Argentina e Uruguai que se uniram para derrubar o governo de Francisco Solano López, após o sequestro do navio brasileiro Marquês de Olinda e da declaração do então presidente do Paraguai de ocupar as terras do Rio Grande do Sul e do então Mato Grosso. A invasão do Mato Grosso se deu via fluvial e terrestre, considerando a extensa fronteira que possuía com o Paraguai. A ocupação fluvial aconteceu via rio Paraguai e, por terra, se iniciou com a chegada das tropas paraguaias ao município de Corumbá, cidade que pertence ao estado de Mato Grosso do Sul atualmente (Marin; Squinelo, 2019).

3 Refere-se ao movimento das expedições que saíram da capitania de São Paulo em direção ao sertão brasileiro.

Após o fim da Guerra, o Mato Grosso foi se desenvolvendo territorial e economicamente. Em poucas décadas, tornou-se um estado bem desenvolvido e um dos maiores em extensão. A decisão da delimitação dos territórios foi tomada após várias tentativas fracassadas de se fracionar o estado, sendo a primeira delas uma medida radical tomada por alguns revolucionários em 1892.

Segundo os estudos de Lobato, Carvalho, Silva e Brito (2010), os argumentos usados pelo público a favor da criação de um novo estado foram: a sua dimensão territorial (903.357 km² aproximadamente) e o fato de que tal extensão fazia com que as proximidades da capital Cuiabá se desenvolvessem mais do que as demais regiões.

O processo de divisão foi lento e burocrático, mas após várias tentativas, finalmente em 11 de outubro de 1977, criou-se oficialmente o Mato Grosso do Sul. Desde então, o estado forma grande extensão de rica diversidade ambiental, cultural e linguística.

REFERENCIAL TEÓRICO

13

Segundo Sapir (1969), os estudos linguísticos nos auxiliam a entender a maneira que a língua é utilizada pela sociedade e seus efeitos na cultura de determinada população. Além disso, o linguista também observa que o vocabulário de uma língua reflete o ambiente físico e social dos falantes.

Ainda pensando no vínculo entre a língua, o ambiente e a cultura, Velarde (1991), enfatiza que a cultura de um povo desempenha um papel crucial na atribuição de significados e na designação das coisas. Neste sentido, ao considerar os modos de fala específicos desses grupos, é essencial levar em conta as influências histórico-sociais locais, pois os costumes e as transformações vividas por uma população podem interferir nas escolhas lexicais e nos valores atribuídos às palavras do cotidiano.

Deste modo, este artigo utiliza como base teórica os princípios da Dialetologia, que estão voltados prioritariamente para o estudo da língua em sua variedade espacial. Para a definição da área de estudo, utilizamos primeiramente as palavras de Eugenio Coseriu (1982, p. 38): “A Dialetologia registra e estuda a variedade idiomática como tal (sem reduzi-la a homogeneidade)”. Da mesma maneira, para Suzana Cardoso (2010, p. 15), a Dialetologia “é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar,

descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.” Ambos os autores, partem do pressuposto de que a língua é constituída sob o signo da heterogeneidade.

Ademais, para a realização de um atlas linguístico e de estudos fundamentados neste material, utilizamos a Geolinguística como instrumento metodológico para estudar os dialetos. No que se refere ao dialeto, o termo de origem grega, *diálektos* significa “modo de falar”, precisamente definido como “[...] um conjunto de símbolos retirados de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com limitação geográfica, mas sem forte diferenciação a outras de origem comum” (Alvar, 1996, p.14).

Conforme os conceitos apresentados, a Geolinguística é a área interdisciplinar que contribui para identificar e descrever áreas linguísticas e para conhecer as representações que os falantes constroem dos espaços linguísticos no qual estão inseridos (Cardoso, 2010). Outrossim, recorremos a Coseriu (1955) que define Geolinguística como:

O método metodológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, o que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (Coseriu, 1955, p.29).

Ou seja, a Geolinguística auxilia na distribuição dos dados de fala no espaço geográfico e é a base para a feitura dos Atlas Linguísticos. Complementamos esse conceito, com a definição de Silva Neto (1957, p. 37) que informa que os atlas são “[...] reuniões de cartas em que o material linguístico está distribuído topograficamente” Ademais, o autor acrescenta que: “Cada carta representa um instantâneo da área dialetal explorada” (Silva Neto, 1957, p. 37).

Ainda sobre os atlas linguísticos, Altenhofen (2004) os conceitua como “[...] um instrumento de análise que se apresenta em um mapa geográfico variantes e comportamentos relativos ao uso variável da língua, com o objetivo de fornecer uma visão macro-areal que permita observar relações e tendências dessa variação no espaço” (Altenhofen, 2004, p. 140).

Na concepção de um atlas linguísticos, há elementos básicos como: questionário⁴, escolha dos informantes, uma rede de pontos e os inquiridores. Todos esses itens devem atender a critérios rigorosos que possam permitir a comparabilidade e a sistematização dos dados. Discutiremos na sequência cada um desses itens trazendo como exemplo informações dos atlas a serem analisados neste artigo:

O questionário é o instrumento de coleta de dados e pode ser composto de diferentes tipos: Fonético-Fonológico (QFF), Semântico-Lexical (QSL) e Morfossintático (QMS). Pode trazer também questões de pragmática, metalinguística, temas para discursos semidirigidos e solicitação de leituras. No caso dos dados selecionados para este estudo, partimos das cartas obtidas a partir de respostas fornecidas ao questionário Semântico-Lexical (QSL).

Além do instrumento de coleta de dados, outro elemento essencial são os informantes. Enfatizamos que a escolha influencia diretamente na qualidade dos dados coletados, por isso reforçamos a importância da definição do perfil do informante e da rigorosidade em mantê-lo durante toda a pesquisa de campo. Neste sentido, Cintra (1983) explica:

15

Para responder ao questionário, terá o dialetólogo de procurar alguém que represente com fidelidade o tipo de falar característico da localidade – em geral um homem ou uma mulher de meia idade, nascidos no lugar e ali residentes sempre ou quase sempre, analfabetos (de modo a não haver o perigo de estarem influenciados pela linguagem escrita). Do acerto na escolha deste informante depende muitas vezes o êxito de todo o trabalho (Cintra, 1983, p.11).

Tendo em vista os critérios de seleção do informante, trazemos os pressupostos da Dialetologia Pluridimensional, que relaciona as variáveis diatópicas com as sociais na definição de informantes. Estas últimas se mostram extremamente importantes para a compreensão dos fatores que determinam os movimentos de mudança da língua (Brandão, 1991). Para tanto, são consideradas as seguintes variantes: sexual: informante (s) do sexo masculino(s) e feminino(s) em cada localidade; etária: informantes com idades pré-determinadas; origem: informantes de localidades/regiões pré-defini-

4 “A necessidade de obter dados comparáveis e sistematizáveis, obtidos sob condições idênticas, impõe à pesquisa geolinguística a exigência de utilização de um questionário. Por questionário entende-se um conjunto de perguntas que servem de orientação para as entrevistas de campo. Não que se excluem, em princípio, outras possibilidades de obtenção de dados, desde que atendam a propósitos claramente definidos” (Altenhofen, 2004, p. 146).

das. Nos trabalhos analisados neste texto, trazemos os informantes topostáticos⁵, ou seja, com pais e eles próprios, nascidos e criados na região ou local de pesquisa.

Em relação ao perfil do informante, exemplificaremos com dados do Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã (Reis, 2006): os inquiridos foram divididos em uma faixa etária, de 45 a 70 anos, com o seguinte perfil: “a pessoa deve ser do lugar, nascida na fronteira do Brasil/Paraguai, divisa com o estado de Mato Grosso do Sul e/ou residentes nas localidades pesquisadas há mais de vinte anos, cujos cônjuges também fossem da localidade ou da região da pesquisa.” (Reis, 2006, p. 181). Em relação à escolaridade, eles deveriam ser analfabetos ou possuir até o quarto ano do Ensino Fundamental e também ser bilíngues.

Ao retomar os requisitos essenciais para produzir um atlas, cabe discutir sobre a rede de pontos que é definida conforme a área que o atlas pretende abarcar. Sendo assim, cada atlas possui um grupo de localidades que varia a depender de “critérios demográficos, históricos e culturais, tendo-se, também, levado em consideração a extensão de cada estado/região e a natureza de seu povoamento na delimitação do número de pontos da área.” (Projeto ALiB, s.d.). Por exemplo, no Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário foram adotados quatro critérios para se formar a rede de pontos: “i) antiguidade; b) aspectos histórico-culturais; iii) densidade demográfica; iv) proximidade geográfica à faixa de território delimitadora da pesquisa: rio Paraguai ou as linhas do trem” (Alencar, 2013, p.172).

Concluindo este tópico, o último elemento que será elencado são os inquiridores, ou seja, as pessoas que aplicam o instrumento de coleta de dados. Algumas pesquisas possuem um número significativo de inquiridores e um mesmo inquiridor pode aplicar os diferentes questionários produzidos para uma pesquisa. Na maioria dos atlas produzidos, o próprio autor costuma figurar como um dos inquiridores (ou o único), como acontece nos Atlas explorados neste estudo.

5 Além da perspectiva topostática, informamos que também há a perspectiva topodinâmica, bastante utilizada nos trabalhos contemporâneos. Segundo H. Thun (1996), os movimentos migratórios e, consequentemente “[...] à mobilidade espacial da população, que deixa de ser topoestática para se tornar essencialmente topodinâmica. Privilegia-se, por isso, aspectos ligados ao retrocesso ou avanço de variantes linguísticas em uma determinada área e suas relações com as mudanças sociais. A consideração dos movimentos migratórios impõe evidentemente novas exigências à pesquisa, sobretudo na metodologia” (Altenhofen, C. V. *A constituição do corpus de um Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata*. In. Martins-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n.51, 2004, p.146).

METODOLOGIA

Para este artigo, três atlas linguísticos foram selecionados (do Mato Grosso do Sul, de Ponta Porã e de Corumbá e Ladário) com a finalidade de descrever a língua portuguesa no que se refere ao léxico de entretenimentos infantis no Mato Grosso do Sul e identificar possíveis interferências da língua espanhola no ato de nomear esses referentes. Esses trabalhos dialetais e uma breve descrição metodológica de cada um deles serão apresentados na sequência.

ALMS – Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (Oliveira, 2007)

O Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul é um projeto organizado por Dercir Pedro de Oliveira, que foi professor titular e ex-reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Os trabalhos do ALMS foram iniciados em 1996 e finalizados em 2007. O atlas teve os seguintes objetivos: analisar a variação dialetal; ofertar aos estudiosos da língua materiais que contribuiriam para o ensino do português, com respeito às variantes regionais; estudar e sistematizar dados sobre a língua falada em nosso estado.

As cartas linguísticas que compõem o ALMS partem dos resultados obtidos de três diferentes questionários aplicados durante a pesquisa de campo: o Semântico-Lexical (QSL), o Fonético-Fonológico (QFF) e o Morfossintático (QMS). Ainda em relação à metodologia do atlas, o trabalho possui uma rede de pontos formada por 32 localidades (Quadro 2):

17

Quadro 2. Rede de pontos do ALMS

Rede de pontos ALMS	
1. Água Clara	17. Inocência
2. Amambai	18. Pantanal do Nabileque
3. Aquidauana	19. Naviraí
4. Bandeirantes	20. Pantanal da Nhecolândia
5. Bataguassu	21. Nioaque
6. Bela Vista	22. Pantanal dos Paiaguás
7. Eldorado	23. Paranaíba
8. Bonito	24. Pedro Gomes
9. Campo Grande	25. Ponta Porã
10. Camapuã	26. Porto Esperança
11. Cassilândia	27. Porto Murtinho
12. Corumbá	28. Rio Brilhante
13. Coxim	29. Rio negro
14. Dourados	30. Rochedo
15. Fátima do Sul	31. Sete Quedas
16. Iguatemi	32. Três Lagoas

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os pontos de inquérito estão distribuídos em todas as regiões do estado e para cada localidade foram entrevistadas quatro pessoas, totalizando um número de 128. Os informantes estão distribuídos equitativamente entre os sexos masculino e feminino, possuem escolaridade até o quarto ano do ensino fundamental, nascidos no município ou moradores de lá desde os oito anos de idade.

ALiPP– Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã (Reis, 2006)

O Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã foi produzido como Dissertação de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFMS, Três Lagoas. O trabalho foi produzido por Regiane Coelho Pereira Reis, sob orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo e foi iniciado em 2004. A pesquisa teve como objetivo o estudo da variante sul-mato-grossense da língua portuguesa em Ponta Porã, cidade fronteiriça entre Mato Grosso do Sul (Brasil) e a cidade de Pedro Juan Caballero, departamento de Amambay (Paraguai). Por este e outros motivos, inclusive históricos, o local é cenário de intensos contatos culturais e linguísticos entre os dois países e seus moradores.

As cartas linguísticas do ALiPP partem apenas dos dados obtidos como resposta ao questionário Semântico-Lexical (QSL). Em relação à pesquisa de campo, o atlas possui uma rede de pontos formado por oito localidades conforme pode ser visto no quadro 3:

18

Quadro 3. Rede de pontos do ALiPP

Rede de pontos ALiPP	
1. Fazenda Paquetá-Cedro - Norte/Leste	5. Fazenda Santa Virgínia - Sul/Oeste
2. Distrito da Cabeceira do Apa - Norte/Oeste	6. Ponta Porã (sede) - Sul/Oeste
3. Fazenda Itamarati - Centro	7. Distrito de Lagunita - Sul/Oeste
4. Posto Guaíba - Sul/Leste	8. Distrito de Sanga Puitã - Sul/Oeste

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os pontos que compõem o ALiPP são formados pela sede do município (área urbana) e por locais na área rural que possuíam um aglomerado populacional significativo. Para cada localidade foram inquiridos dois informantes que são pessoas dos

sexos masculino e feminino, com idade entre 45 a 70 anos, nascidos na fronteira do Brasil/Paraguai, divisa com o estado de Mato Grosso do Sul. Tendo em vista particularidades do perfil escolhido, foram aceitos residentes nas localidades investigadas há mais de vinte anos, cujos cônjuges também fossem da localidade ou da região da pesquisa. Quanto à escolaridade, os inquiridos deveriam ser analfabetos ou ter cursado até o quarto ano do Ensino Fundamental; além disso deveriam ser bilíngues. No total foram entrevistados 16 informantes.

ALiCoLa – Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (Alencar, 2013)

O Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário foi produzido como Dissertação de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da UFMS, Campo Grande. A pesquisa foi desenvolvida por Beatriz Aparecida Alencar, sob orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo e foi iniciado em 2011. O trabalho dialetal teve como finalidade documentar o português falado pelos habitantes dos municípios de Corumbá e Ladário, que fazem fronteira com a Bolívia e o Paraguai. Esse espaço foi importante para a história local, pois foi a região em que a presença do homem branco na província de Mato Grosso foi documentada pela primeira vez.

19

As cartas linguísticas que integram o ALiCoLa são oriundas das coletas do questionário Semântico-Lexical (QSL). O atlas possui uma rede de pontos composta por cinco localidades conforme o quadro 4:

Quadro 4. Rede de pontos do ALiCoLA

Rede de pontos ALiCoLa
1. Corumbá
2. Ladário
3. Albuquerque
4. Porto Esperança
5. Coimbra

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na rede de pontos foram escolhidas as sedes dos municípios (Corumbá e Ladário) e os distritos de Albuquerque, Porto Esperança e Coimbra. Para cada localidade foram selecionadas quatro pessoas, totalizando 20 entrevistados. Esses informantes foram divididos entre homens e mulheres, de duas faixas etárias: uma de 18 a 30 anos

e outra de 50 a 65 anos. Em relação à escolaridade, os participantes não poderiam ser analfabetos e deveriam ter no mínimo o Ensino Fundamental completo. Nessa continuidade, descreve-se o processo metodológico para a análise dos dados.

Após a seleção dos atlas, foram examinados os trabalhos e coletadas as informações das cartas linguísticas referentes ao vocabulário dos brinquedos e brincadeiras infantis no Mato Grosso do Sul, ou seja, um universo de 38 cartas. A seguir, os quadros 5, 6 e 7 indicam as cartas dos entretenimentos infantis presentes em cada um dos atlas assinalados. No quadro 5 são informados os dados cartografados no ALMS sobre os entretenimentos infantis.

Quadro 5. Relação das cartas referentes aos brinquedos e brincadeira infantis no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul

ALMS QSL	Título	Página
0461.a	Bolita	230
0464.a	Cabra-cega	231
0466.a	Pandorga	232
0474.a	Pegador	233
0481.a	Estilingue	235

20

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No atlas estadual, verificamos que houve a produção de cinco cartas que se referem aos brinquedos e brincadeiras infantis. Na continuação, visualizamos as cartas produzidas no ALiPP com base no vocabulário estudado (Quadro 6):

Quadro 6. Relação das cartas referentes aos brinquedos e brincadeira infantis no Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã

AliPP			
Nº da carta	Título	Página	Página pdf
218	Bolita	416	106
219	"Buraquinho no chão que as crianças fazem para jogar a bolita"	417	107
220	Esconde-esconde	418	108
221	Pandorga	419	109
222	Amarelinha	420	110
223	Peteca	421	111
224	Balanço	422	112
225	Gangorra	423	113
226	Queimada	424	114
227	Passa-anel	425	115
228	Arapuca	426	116
231	Estilingue	429	119

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No ALiPP, notamos um grande número de cartas sobre a área semântica em questão, totalizando 12 cartas. Na sequência, o quadro 7 indica as cartas produzidas no AliCoLa.

Quadro 7. Relação das cartas referentes aos brinquedos e brincadeira infantis no Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário

AliCoLa		
Nº da carta	Título	Página
177, 178	Bolita	506, 507
179	Oco	509
180	Esconde-esconde	511
181	Cobra-cega	513
182, 183	Pipa	515, 516
184, 185	Funda	518, 519
186	Amarelinha	521
187	Peteça	523
188, 189, 196	Cola-cola	525, 526, 537
190	Gangorra	528
191	Queimada	530
192	Anelzinho	532
193, 194, 195	Pega-pega	534, 535, 536
197	Balanço	539

Fonte: Elaborado pelas autoras.

21

Ao observarmos o quadro 7, apuramos que no ALiCoLa constam de um total de 21 cartas que tratam das diversões infantis.

Considerando os três atlas, foram indicadas as cartas que figurassem nos três trabalhos dialetais. Portanto, as cartas escolhidas para o estudo em questão foram *bolita, estilingue, papagaio*.

Na sequência, buscamos acepções das denominações assinaladas e quais eram suas origens. Para isso, utilizamos os seguintes dicionários gerais: Aulete Digital: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (2006), Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2002) e o Dicionário da Real Academia Espanhola (2014). Na continuação, foi realizada a análise léxico-semântica, levando em consideração os vocábulos encontrados nos três atlas linguísticos e as acepções para os brinquedos e brincadeiras estudados.

Por fim, discutimos sobre possíveis motivações para as denominações produtivas no Mato Grosso do Sul e propusemos reflexões sobre sua origem, além de discutirmos brevemente sobre a distribuição diatópica e suas relações com a história social do estado.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Para a análise dos dados, iniciamos com a sistematização das informações buscando elencar as denominações registradas em cada uma das cartas selecionadas para o estudo (conforme Quadro 8).

Quadro 8. Denominações registradas nas cartas

Cartas	ALMS	ALiCoLa	AliPP
Bolita	Bolita/bola de gude/birola/gude/biroca/burca/biloca/bulica/bolinha de vidro	Bolita/bola de gude	Bolita/valita/bola(inha) de gude
Estilingue	Estilingue/funda/chanhá/baliadéra/bodoque	Estilingue / funda	Estilingue/funda/fundita/hunditá
Papagaio	Pipa/pandorga/papagaio/papagaio de papel/balão	Pipa/pandorga/papagaio	Pandorga/pandora/pipa/papagaio/varillete

22

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir das informações contidas no quadro 8, foram selecionadas as denominações que eram coincidentes nos três atlas. Na continuação foi realizada a consulta aos dicionários gerais buscando os significados que contemplavam o referente solicitado. O quadro 9 exibe a dicionarização das unidades léxicas bolita e bolinha de gude.

Quadro 9. Acepções para as denominações “bolita” e “bolinha de gude” nos dicionários gerais

Unidade léxica	HOUAIS	AULETE	RAE
Bolita	Pequena esfera usada no jogo de gude Rubrica: ludología. Regionalismo: RS m.q.gude	s. f. (Bras., Rio Grande do Sul) V. gude. F. Bola. Cp. cast. Bolita.	Del fr. dialect. canique, y este del neerl. knikker 'canica' y 'mármol', der. de knikken 'quebrar, cascar', cf. ingl. marble 'canica', 'mármol'. 1. f. Bola pequeña de barro, vidrio u otra materia dura, que usan los niños para jugar. Sin.: bola, bolinche, bolindre, cuica, bolita, macaco1, mable. 2. f. pl. Juego infantil que se practica con canicas, normalmente impulsándolas con un dedo para que rueden, choquen o entren en un gua. Sin.: gua1, hoyuelo, chócolo2.
Bola de gude	Jogo infantil com pequenas bolas de vidro.	Bola pequena	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Conforme os dicionários consultados, as unidades léxicas “bolita” e “bolinha de gude” estão documentadas tanto em dicionários de língua portuguesa quanto de língua espanhola. Em relação ao registro das unidades léxicas nos dicionários, enfatizamos que a denominação “bolita” é indicada em Aulete como de origem espanhola. Por sua vez, “gude” é indicado como de origem portuguesa (provincianismo minhoto). A seguir, o quadro 10 exibe a dicionarização de “pandorga” e “papagaio”.

Quadro 10. Acepções registradas para “pandorga” e “papagaio” nos dicionários gerais

Unidade léxica	HOUAIS	AULETE	RAE
Pandorga	Papagaio de papel.	Papagaio de papel. Do espanhol "pandorga"	Cometa que se sube en el aire.
Papagaio	Brinquedo voador que consiste numa armação de varetas de bambu ou madeira leve, sobre a qual se cola papel fino e resistente, em geral de cores variadas, e se solta ao vento, preso por um cordel, que a criança retém nas mãos; pandorga, pipa.	Brinquedo constituído de uma armação de finas varetas, sobre a qual se prende, com cola, uma folha de papel fino, e que, por meio de uma linha, e com auxílio do vento, se faz flutuar no ar preso em uma linha que o maneja.	Cometa que se sube en el aire.

Fonte: Elaborado pela autora

23

Visualizando o quadro 10, a unidade léxica “pandorga” é de origem espanhola; já “papagaio” não possui uma origem registrada nos dicionários consultados. A seguir, o quadro 11 traz a dicionarização de “estilingue” e “funda”.

Quadro 11. Acepções registradas para “estilingue” e “funda” nos dicionários gerais

Unidade léxica	HOUAIS	AULETE	RAE
Estilingue	Arco atirador com elásticos presos pelas extremidades que, sendo ativado por um gatilho, arremessa pedrinhas, bolas de argila; atiradeira, badoque, bodoque.	Instrumento composto por uma forquilha (de madeira) na qual se amarra uma tira elástica para se arremessar objetos (geralmente pequenas pedras) à distância. Do inglês "sling".	
Funda	Arma de arremesso formada por uma peça central presa a duas tiras de couro.	Arma para arremessar pedras, balas, flechas etc. Feita com uma correia ou corda dobrada, no centro da qual se coloca o que vai ser lançado. Do latim "fundae".	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Conforme o quadro 11, a unidade léxica “estilingue” possui origem na língua inglesa, o que difere das outras unidades léxicas examinadas. Por sua vez, “funda” possui origem no latim, língua que mais tarde deu origem ao português.

No tópico seguinte serão apresentadas informações a respeito da distribuição geográfica dos dados analisados e, a partir disto, a forma como se relacionam com a história e o contexto sociocultural do Mato Grosso do Sul, a fim de relacionar os dados obtidos com a história sociocultural das localidades.

Distribuição diatópica

As denominações “bolita” e “pandorga” foram recorrentes nos atlas estudados. A denominação “bolita” foi bastante produtiva em todo o estado de Mato Grosso do Sul enquanto a denominação “pandorga” foi encontrada em número considerável apenas na região de fronteira, consequentemente, com países falantes da língua espanhola, não sendo encontrada em número expressivo no restante do estado.

Verificamos, nos três atlas analisados, que as ocorrências de “bolita” são bastante expressivas, ultrapassando 70% do total de respostas no ALiPP e no ALiCoLa. Em outros termos, “bolita” é a denominação mais utilizada em Mato Grosso do Sul, com maior produtividade na área fronteiriça e também nas cartas selecionadas.

24

No que se refere a pandorga, igualmente foi feito o levantamento das ocorrências e computamos que cerca de 30% das ocorrências no ALMS e no ALiCoLa são relativas à unidade lexical “pandorga”. No ALiPP, o número é ainda maior, atingindo mais de 50% das respostas neste atlas. Sendo assim, a denominação pandorga é bastante presente na fronteira Brasil - Paraguai.

Haja vista a distribuição diatópica das denominações, notamos certa proximidade entre os países falantes de língua espanhola e as denominações empregadas na região analisada. Essa situação destaca-se igualmente nos três quadros de dicionariização que apresentam as acepções registradas nas obras lexicográficas, inclusive, a maioria indica a origem das unidades léxicas nas línguas latinas (portuguesa, e espanhola)⁶. Possivelmente essas denominações tenham sido influenciadas por fatores geográficos e também histórico-culturais. Entre eles, destacamos alguns que consideramos significativos para a região estudada:

6 Há também o registro de *sling* tendo como base a língua inglesa.

i) a presença de línguas neolatinas:

O latim é uma língua antiga e deu origem a várias outras, entre elas o espanhol e o português. Neste sentido, o fato de algumas denominações analisadas serem oriundas de línguas neolatinas (espanhol/português) pode ser justificado.

ii) a localização geográfica de Mato Grosso do Sul e o fato de parte do estado ter pertencido ao país vizinho:

Como já mencionado anteriormente, o estado de Mato Grosso do Sul, durante a colonização, permaneceu por anos como território espanhol, devido ao Tratado de Madrid. Posteriormente, devemos lembrar que boa parte do espaço de Mato Grosso do Sul foi parte do Paraguai antes da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Neste sentido, os contatos entre as pessoas de ambos os países, a língua, a cultura e a própria migração presente na sociedade sul-mato-grossense é bastante visível e já acontece/aconteceu em diferentes épocas da história de ambas as localidades.

iii) a situação de fronteira entre o Mato Grosso do Sul e o Paraguai:

O estado faz divisa com o Paraguai, país que foi colônia da Espanha e tem o espanhol como uma de suas línguas oficiais. Essas proposições poderiam justificar a 25 ocorrência de denominações de origem espanhola. Essa proximidade geográfica também favorece o contato entre as pessoas dos dois países e, sucessivamente, os fluxos migratórios e os contatos mais imediatos. Cabe salientar que há um grande número de bolivianos e paraguaios (e, consequentemente, descendentes) que passaram a viver no Mato Grosso do Sul.

Esses elementos indicados anteriormente estão interrelacionados e buscam justificar, a partir de questões histórico-sociais, a presença de termos de origem latina (portuguesa e espanhola) nas denominações de brinquedos e brincadeiras em Mato Grosso do Sul considerando as perguntas analisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo faz parte da pesquisa “As denominações para brinquedos e brincadeiras infantis nos Atlas Linguísticos produzidos na região Centro-Oeste do Brasil” iniciado no ano de 2022. O projeto foi desenvolvido com a finalidade de descrever aspectos da língua portuguesa, em especial o léxico dos brinquedos e brincadeiras

infantis, utilizando-se dos registros de atlas linguísticos dos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Neste estudo, partimos dos dados já catalogados para uma análise mais aprofundada sobre as questões assinaladas e tivemos o intuito de identificar possíveis influências de base espanhola nas denominações coletadas.

Com a conclusão deste trabalho, foi possível catalogar e examinar os dados da região Centro-Oeste para compreender melhor as questões histórico-sociais das localidades nos diferentes contatos com a área de fronteira, migrações e outros fatores ligados ao período pós-colonial e, por conseguinte, como essas relações se manifestam no vocabulário estudado.

Quanto à interferência de outras línguas, concluímos que a relação entre o português e o espanhol foi confirmada, a partir da discussão dos dados que permitiu verificar a influência da língua espanhola em todo o estado no ato de nomear alguns entretenimentos, com destaque aos casos da “bolita” e a “pandorga”. Além disto, há a constatação da interferência de outras línguas no português falado em Mato Grosso do Sul e a presença de conservadorismos léxicos. Primeiramente com a ocorrência de uma denominação de origem inglesa (sling), que pode se explicar pela importância do inglês ao redor do globo e o caso de funda, que pode ser indicado como “uma herança lusitana” (Alencar; Isquierdo, 2022).

Esperamos que outros estudos venham a ser realizados buscando descrever a realidade da língua portuguesa em Mato Grosso do Sul e no Centro-Oeste, em especial considerando a influência e/ou contato com outras línguas na região, por exemplo as indígenas. Neste particular, não identificamos o registro de denominações de base indígena.

Para concluir, esta pesquisa buscou promover discussões que provoquem reflexões aos estudantes de diferentes níveis de ensino sobre a língua portuguesa falada no país. O estudo também ressalta a importância da diversidade linguística e da valorização da cultura e da história regional e da percepção sobre a interrelação entre diferentes elementos no ato de nomear, como o homem, a língua e a cultura.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Beatriz Aparecida. *Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário: uma descrição da língua portuguesa falada no extremo oeste de Mato Grosso do Sul*. 2013. 620 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.
- ALENCAR, B. A.; ISQUERDO, A. N. *Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (ALiCoLa): Questões metodológicas e resultados*. In: *Tendências da Geolinguística brasileira e a nova geração de atlas linguísticos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- ALTENHOFEN, C. V. *A constituição do corpus de um Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata*. In. Martins-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n.51, 2004, p.135-165.
- ALVAR, M. *Manual de dialectología hispánica: El Español de España*. [s.l.] Editorial Ariel, 1996.
- AULETE, F. J. C.; VALENTE, A. L. S. *Aulete Digital: Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa*. Lexikon Editora Digital, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 06. set. 2023. 27
- BRANDÃO, S. F. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: Tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARLOS, V. G. *Geolinguística: desafios da metodologia pluridimensional*. Florianópolis, 2022.
- CINTRA, L. F. L. *Estudos de Dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá de Costa, 1983.
- COSERIU, E. La geografía lingüística. *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias/ Universidad de la República*. Montevideo, n.14, p. 29-69, 1955.
- COSERIU, E. *Sentido Y Tareas De La Dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. M. *A Dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

HIGA, Carlos César. Tratado de Tordesilhas. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/tratado-de-tordesilhas.htm>. Acesso em 14 de setembro de 2024.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002. 1 CD-ROM.

LOBATO, A. da S.; CARVALHO, D. R. de; SILVA, M. A. da; BRITO, M. S. de S. A Formação Histórico-Territorial Do Mato Grosso, As Transformações E Impactos Decorrentes Da Expansão Da Soja. *Para Onde!?*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, 2010. <https://doi.org/10.22456/1982-0003.22105>.

MARIN, J. R.; SQUINELLO, A. P. A ocupação paraguaia em Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai. *Revista Territórios e Fronteiras*, [S. l.], v. 12, n. 2, 2019. <https://doi.org/10.22228/rtf.v12i2.961>

NETO, T. E.; CAVASSINI, G. L. A importância do Tratado de Madri na formação da fronteira oeste: a dinâmica social na fronteira do Mato Grosso do século XVIII. *Conjuntura Austral*, [S. l.], v. 8, n. 44, p. 4–22, 2018. <https://doi.org/10.22456/2178-8839.70947>. 28

OLIVEIRA, D. (org). *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de la lengua española*, 23.^a ed., [versión 23.6 en línea]. <<https://dle.rae.es>>

REDE DE PONTOS. *Projeto Atlas Linguístico do Brasil ALiB*, s.d. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>>. Acesso em: 17. maio 2024.

REIS, R. C. P. Atlas Linguístico do município de Ponta Porã- MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2006.

SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Ed. Livraria Acadêmica, 1969.

Beatriz Aparecida Alencar,
Oliveira Maria Clara de Freitas Barcelos e Maria Eduarda Sodré Vilhalba

SILVA NETO, S. Os atlas linguísticos: o que são e para que servem. In: *Guia para estudos dialetológicos*. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

VELARDE, M. C. *Lenguaje y cultura*. Madrid: Editorial Síntesis, 1991.